

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO — ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
 NO AVEIRO — ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
 BRASILEL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 25000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
 NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
 NUMERO AVULSO 20 RS., C.º 100 RS. NO BRAZIL.
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

Aveiro

COMICIO

Realisa-se hoje, pelas dez horas da manhã, no vasto armazem do Rocio, junto á praça do Pelke, o annuncio completo contra a reacção ultramontana e especialmente contra a admissão e permanencia das Irmãs da caridade no nosso hospital. Assistem os srs. Manuel de Arriaga, Alves da Veiga, Magalhães Lima, Albano Coutinho, Eugenio Silveira e Mendes da Rocha.

O povo escusa de novos apellidos da nossa parte. Já sabe que se não trata de religião, que ninguém attentará contra ella, nem de politica. Trata-se de condemnar a forma insólita porque o clericalismo desvirtua e compromette a religião da virtude, que é a religião do povo. Trata-se de salvaguardar o respeito devido á memoria de José Estevão e de honrar a nossa terra.

A affronta é sangrenta e o cynismo dos que nos affrontaram é cada vez maior. Estão maugando com a nossa paciencia. Estão nos cuspiando. Estão tratando isto como terra escrava. Para elles não vale de nada o povo, nem a opinião publica. So attendem á sua vontade e ao seu querer.

A cidade de Aveiro precisa, pois, de um desaggravo. Cerrámos, então, todos aos comicios com decisão, com energia, com enthusiasmo. Levantámos um protesto valente. Repellia-se o insulto e o despotismo com a dignidade de homens livres. E tanto havemos d'impôr a nossa justiça, que justiça nos ha de ser feita.

Viva a Patria!
 Viva a Liberdade!

CLERICALISMO E PULHISMO

«Desprezar a cultura continua, diz Maudsley, o eminente sabio inglez, e o exercicio das faculdades intellectuaes e moraes, é deixar o espirito á mercê das circumstancias externas. Para o espirito como para o corpo, cessar de lutar é começar a morrer.»

A maior parte dos homens cumprem automaticamente os deveres da religião; acceitam-lhe as doutrinas por simples formalidade e conformam-se com ella em palavras, sem nunca as comprehender claramente, e sem que o seu pensamento se ligue ás consequencias logicas que d'ellas derivam. Crêem vagamente, sem mesmo se importarem de definir distinctamente a si proprios em que consiste o que elles julgam crer; contentam-se com uma es-

pecie de crença que está longe de bastar ás necessidades d'este mundo. Escuzado será provar que um habito de pensar tão pouco severo, não só não serve á cultura mental, mas até a prejudica; e que um espirito que se contenta com essa maneira de crer não está de fôrma alguma em estado d'exercer, pelo desenvolvimento das suas faculdades, um juizo sã sobre quaesquer outras questões, ou de reagir vigorosamente contra as difficuldades da vida que o acabrunhem.

Por outro lado, se os ensinamentos da religião inculcam o dever de domar as paixões que tem raizes n'um vivo sentimento pessoal, não conseguem da maneira porque são dados muitas vezes, fazer nascer essa renuncia mais completa que consiste na convicção da nossa insignificancia pessoal e na suppressão do egoismo; são mesmo impotentes contra este egoismo que não é senão a exaggeração da sensibilidade e das inquietações da consciencia. E' incontestavel que se prejudicam muitas vezes as pessoas d'uma grande susceptibilidade de espirito animando-as ou exhortando-as a meditar sobre os seus proprios sentimentos, em lugar de as excitar a transformar a energia das suas affecções n'uma actividade mental bem ordenada. Não ha senão um verdadeiro remedio para o soffrimento, é a acção; um espirito sã, assim como um corpo sã, deve perder a consciencia de si proprio na energia da acção. O exame interior e a analyse de nós proprios, especialmente quando são prescriptos como deveres religiosos a pessoas que a sua organização physica ou qualquer outra causa predispõe para uma susceptibilidade excessiva, produzem um egoismo doentio que facilmente se confunde com o despertar da consciencia.

Ora, uma consciencia com essa especie de impressionabilidade, exaggerando a si mesma a sua propria importancia, caher facilmente na loucura se não tiver occupações activas e interesses exteriores poderosos que lhe contrabalancem os effeitos. Um homem não pôde senão prejudicar-se quando a sua individualidade é o centro em volta do qual gravitem todos os seus pensamentos, todos os seus sentimentos e todas as suas acções; e é seguramente um erro desenvolver, na cultura do espirito, a parte affectiva á custa da intelligencia e da vontade. Na vida religiosa, como na vida mundana, o sentimento deve ser conservado n'uma exacta subordinacão; d'outro modo baldadas serão as rezas para obter uma longa vida saudavel, rica e intelligente. A reza, com effeito, não supprime a falta de sciencia e de vontade no governo do espirito e na conducta da vida. Incutir ou excitar nos animos os habitos das rezas, que são uma invocação formal ou sentimental a Deus, em vez de se impôr o dever de elucidar a intelligencia e fortificar a vontade, é trabalhar methodicamente por arruinar esta e aquella.»

Assim se exprime o notabilissimo professor da University

College de Londres no ultimo capitulo do seu livro—*O Crime e a Loucura*—capitulo que tem por titulo—*Meios da gente se preservar da loucura*, titulo que, junto ás palavras que ali ficam transcriptas, vem confirmar plenamente as opiniões que manifestámos nos artigos anteriores. Sublinhámos algumas phrases para melhor clareza e mais séria attenção do leitor.

Note-se que Maudsley não fala nem combate a religião pura, a religião do povo na sua enorme maioria, que é o reconhecimento ao creador pela obra creada, a congratulação com a natureza pelas suas obras maravilhosas, a aspiração de bondade, do bem e da justiça que sóbe do espirito do homem rude, mas generoso e grande, até ao céu. A religião, a que Maudsley se refere e a que nós nos temos sempre referido, é a religião clerical, a religião do fanatismo, a religião beata, em que o padre, á força de mil heresias e absurdos, transforma o espirito do homem, e assim prejudica a humanidade e a especie; em que, já insciente e inconscientemente, e então são elles as primeiras victimas, já conscientemente, os que irrisoriamente se denominam ministros de Deus dissolvem a familia, dissolvem os costumes, dissolvem a raça, contrariando e negando todas as leis naturaes e todas as leis moraes.

Maudsley tira as suas conclusões do estudo physiologico e psychologico do homem. Da anatomia do cerebro e da anatomia do espirito. Mas sem irmos tão longe, que estamos escrevendo para o povo e o povo não comprehende as leis de alta sciencia, nós temos na observação diaria e na pratica a confirmação plena de todas essas conclusões scientificas. Nós temos aqui um grande theatro anatomico, que é a igreja, um famoso exemplar, que é o beato, um bello elemento de observação que é o nosso cerebro sadio e pensante. O que vemos nós no beato? Exactamente a resultante das doenças moraes que a sciencia attribue, como causa, ao clericalismo. Distraido do estudo externo para a fixação methodica n'um espiritalismo que não comprehende, o beato não vê senão o seu egoismo e os seus instinctos animaes. E então não pensa senão em si. E então, dando largas ás furias da animalidade, exerescencia monstruosa nos sentimentos moraes, a vida é o seu eu, a especie a sua conservação individual, e a humanidade a sua salvação eterna. Fôra de si não ha nada. Dêem-lhe os gozos d'esta vida e promettem-lhos os do outro. Depois inundae o mundo, comtanto que lhe não falteis com a barca de Noé, e elle, contente da sua sorte e altivo dos seus destinos, ficará mudo e indifferente ás desgraças alheias.

O beato é perfido, porque na abstracção e no isolamento em que vive não pode submeter os seus impulsos animaes ao cadinho das faculdades animicas, isto é, á alma aperfeçoada e liberta das impurezas da origem. E'

egoista, porque separado da convivencia social, olha o mundo pelo prisma, unicamente pelo prisma das suas necessidades pessoais na terra e no céu. E' avaro, pelo mesmo motivo. E' luxurioso, porque suppõe certo, na confissão repetida e constante, o perdão de todos os seus peccados.

Quem não conhece essa figura sorumbatica e sorna, que se nos depara ahi a cada canto? Quem não teve já occasião de ver a verdade do que estamos affirmando na mulher de cabeça ao lado, ares submissos e contractos, olhos no chão, que encontramos todas as manhãs a ir para a missa?

Está claro que todas estas circumstancias influem de tal fôrma no physico e no moral do individuo, que lhe preparam a degenerescencia a breve trecho. O egoismo, o isolamento, a fixidez n'uma idéa, a abstracção de todos os sentimentos moraes, a exaltação nervosa que produz todo o conjunto de enygmas e absurdos que constituem o dogma, desarranjam o cerebro e embrutecem a alma. O embrutecimento é caracteristico saliente do beaterio. D'ahi o desvario mental, a loucura, o recuo ás condições primitivas da existencia. Se dermos ao cerebro toda a sua expansão e toda a sua liberdade, n'um meio bom e hygienico, claro é que se desenvolve e floresce. Se o comprimirmos e atormentarmos, demais a mais em terreno arido, definha e morre como succederá a uma planta n'um meio equivalente. O erro, como diz Maudsley, é nós supprimos a questão physiologica independente da questão psychologica. A sciencia é uma só. E todos os seres vivos obedecem aos mesmos principios, á mesma rota e ás mesmas leis.

O clericalismo é, pois, quer na sua essencia, quer nos seus meios d'acção, quer nas suas consequencias, a degenerescencia da especie, o desarranjo mental perfeitamente caracterizado e perfeitamente definido pela sciencia. E, sendo assim, claro está que não é, pelo contrario, esse freio ás paixões populares de que nos falam os theologos.

Não enfreia, desenfreia, porque dissolve, porque embrutece. E todos os physiologistas são accordes em confessar que a insturção e a sciencia constituem os melhores remedios de cerebros doentios e o unico remedio preventivo dos crimes occasionaes e do desvarimento momentaneo.

Não enfreiam, desenfreiam. O dr. Marro dizia no ultimo congresso de anthropologia criminal: «Encontrei um alto grau de religiosidade nos assassinos, e mais ainda, em geral, nos criminosos de estupro e desfloração. E' uma coisa singular ouvir os protestos de fé e ver o zelo das praticas religiosas d'esses homens depravados. Vi um de sessenta annos pouco mais ou menos, preso por ter violado uma creança de 8 annos, mostrar-se muito escandalizado das conversas anti-religiosas d'alguns seus companheiros de prisão. «Eu não os imito, dizia-me elle, Deus me livre d'isso. Todos

os dias rezo, de manhã e á noite». E a maior parte eram assim.»

Não se dizem o sr. Manuel Firmino, o fernando cego e o sr. tenente muito religioso e não são elles d'uma rapinancia e d'uma luxuria a toda a prova?

O mesmo dr. Marro, n'um quadro de criminosos que apresentou ao congresso, cita como principal caracter psychico dos de primeira cathogoria,—delinquentes por ociosidade e vadiagem, e dos de terceira,—delinquentes por actos de luxuria,—a *preponderancia de religiosidade*.

Para confirmação dos seus estudos, vamos mandar ao dr. Marro este numero do *Povo de Aveiro*. E accrescentará o illustre homem de sciencia á sua collecção, para exemplares da primeira cathogoria o fernando cego, o manel ceguinho e todos os cabos e soldados da companhia dos malandros. Como exemplar famoso da terceira cathogoria o sr. José Eduardo d'Almeida Vilhena, com a circumstancia curiosa, que deve ter explicação em qualquer estudo especial d'aquelle cerebro, que sentimos muito não poder mandar tambem ao dr. Marro para complementos dos seus estudos, de que não cessa d'accusar os outros do crime que lhe é proprio e innato.

Dizia Perri no mesmo congresso: «Pôde succeder que um criminoso roube ou mate para salvar um amigo, ou mesmo com um fim de caridade, porque o sentimento altruistico não inspira senão o fim da actividade, mas como os meios são produzidos pelo sentido moral, quando este falta, o individuo anormal emprega os meios criminosos, como o homem normal empregaria os meios honestos. E' por essa mesma razão que o sentimento religioso, que existe na maioria dos criminosos, não basta para os reter perante o crime, porque esse sentimento não pôde, apezar da opinião commum, substituir o sentido moral que lhes falta e que é a verdadeira e unica bussola da actividade humana. O sentimento religioso não faz mais do que sancionar as regras do sentido moral; ora se a regra falta a sancção é inutil. E por isso ha homens muito religiosos e muito sinceramente religiosos que não tem honestidade, e homens perfeitamente honestos sem a menor crença religiosa.»

O mesmo que Pressensé, escriptor reaccionario, foi levado a confessar no seu livro—*As origens*—cheio d'eros, mas onde lhe escapou esta verdade, porque a verdade tem força bastante para levar os homens a dizer o que não querem:

«Ha atheus que fariam acreditar em Deus pela nobreza do seu caracter e de sua vida. Ai! e ha tambem crentes que fariam duvidar d'elle pela sua aspreza e pela sua intolerancia... (1) Sou d'aquelles que não acreditam senão na liberdade para defender a verdade. Querer defender a religião da consciencia por outros

(1) Faltou-lhe accrescentar—e pela sua ganunice e pelas suas ladroenias. Vias companhia de malandros.

meios a não serem a livre discus-
são, é já nega-la. O que chama-
mos a liberdade do bem parece-
me um mal essencial, porque o
bem duvida de si proprio desde
que pretende tapar a bocca ao
erro.»

De resto, de ha muito que o
povo por inducção tinha conclui-
do que o clericalismo, ou a reli-
gião falsa e adulterada que elle
préga, que não é a religião do
povo, porque a religião do povo
é a religião santa da virtude, não
era de modo nenhum um freio ás
paixões e aos vícios, como a gen-
te de batina e os perfidos que
lhe andam unidos querem apre-
goar. Pelo contrario, é o maior
vehiculo e o elemento mais pro-
pagador d'esses vícios. E' o maior
sustentaculo das paixões torpes
e vis. Porque a historia diz-nos,
a historia demonstra-nos, a histo-
ria prova-nos que os crimes mais
hediondos do mundo, os vícios
mais repugnantes, as paixões mais
vergonhosas, foram praticadas pe-
lo clericalismo, ou por elle ap-
laudidas, por elle incitadas, por
elle defendidas.

E' por conseguinte evidenti-
simo:

1.º Que o clericalismo pelas
suas aberrações, pela sua influen-
cia no espirito do homem, pelo
seu meio d'acção que é profun-
damente egoista, esterilizador, em-
brutecedor, actua sobre o orga-
nismo humano, de fórma a com-
primi-lo, e a embotar a conscien-
cia até á morte do senso moral.
Portanto até á degenerescencia da
especie, até ao retrocesso da hu-
manidade aos seus instinctos ani-
maes desenvoltos e crueis, até á
loucura, até ao crime.

2.º Que não estando na sua
mão dar, mas sim tirar ao homem
o aperfeiçoamento moral, é um
erro profundo, um absurdo consi-
dera-lo freio ás paixões e aos vi-
cios dos homens.

E' o que fica hoje provado,
não com palavras vãs de sen-
tido mas com dados scientificos
indiscutíveis e seguros. No do-
mingo continuaremos provando
como o clericalismo attenta á
grandeza da especie e ao aperfei-
çoamento da humanidade.

AS CONTAS DA MISERICORDIA

Appareceram finalmente á luz
as famosas contas da meza da
Santa Casa da Misericordia, d'essa
meza sem vergonha que pela ca-
rolice do seu provedor e proposito
firme que este tem de enxova-
lhar a memoria de José Estevão,
como o pretendeu enxovalhar em
vida, não teve pejo de attentar
contra a honra da sua terra, da
maneira mais infame e mais vil
de que ha memoria no paiz.

E' preciso mandar gravar em
bronze os nomes d'esses heroes
para que a posteridade os reve-
renceie e admire pelos seus feitos
gloriosos em prol da humanidade
e da patria.

Appareceram as contas e feliz-
mente vieram confirmar que não
presidiu nenhum intuito de econo-
mia á introducção das irmãs da
caridade no nosso hospital,
mas o espirito d'ir estendendo en-
tre nós a propaganda clerical, e
mais, o que é tambem mais gra-
ve e mais infame, o miseravel pla-
no de manchar a apothese do
grande orador da liberdade e lan-
çar um sarcasmo na festa honra-
da que os aveirenses vinham, com
immenso trabalho, preparando ha
tanto tempo.

Isto é infame, é verdadeira-
mente infame, mas é profunda-
mente certo.

Querem vêr?

Com as contas foi distribuida
uma proclamação redigida por es-
se safardana d'esse Vilhena, esse
desavergonhado que tem insulta-
do e calumniado toda a gente de
valor n'esta terra, e que é tão vil,
tão odioso, tão fera que nem de-
pois de mortos perdôa aos seus
adversarios, e assignada por elle
e por mais 10 individuos, os taes

que precisam do nome gravado
em bronze pela sua façanha ho-
mérica, e por ainda agora mos-
trarem ao publico, assignando as
cantatas que assignaram, que não
teem remorsos nem pudor de tão
vilmente haverem ferido esta ter-
ra nos seus sentimentos mais le-
vantados e mais nobres. Pois n'es-
sa proclamação diz-se o que a sen-
tina da Vera Cruz já tinha exhala-
do, isto é, que foi de 1185400
réis a economia que as irmãs da
caridade trouxeram annualmente
á cidade de Aveiro.

O safardana Vilhena ainda pre-
tende intrujar o publico com umas
contas economicas ficticias, que
elle arranja em restos de comida e
coisas identicas. Porém como tu-
do isso é intrujice, ponhamos as
intrujices de parte. A unica coisa
real e que figura em algarismos
na proclamação é a quantia de
1185400 réis. Foi essa a unica eco-
nomia positiva que nos trouxe-
ram as irmãs da caridade, segun-
do o carola Vilhena e os enxota-
ções da Santa Casa da Misericor-
dia.

Suppunhamos. Aceitemos por
ora tudo que elles queiram. O que
ha de notavel em tudo isto?

E' que por 1186000 réis
deshonrou-se, manchou-se e
polluiu-se a cidade de Avei-
ro. E' que por 1186000 réis
insultou-se a memoria de Jo-
sé Estevão. E' que por
1186000 réis infama-se o
nome d'uma terra. Insultou-
se o brio das familias honra-
das a que pertenciam as edu-
candas do convento de Sá,
renegam-se as nossas tradi-
ções e desprezam-se as nos-
sas glorias.

Nunca vimos affronta tão in-
fame, tão baixa, tão porca, tão ca-
nalha. Como não conheceremos
degradação, nem indignidade, nem
biltraria como será na historia a
de nós todos aveirenses, se, jun-
to com quatro pontapés no pos-
terior da malandragem que nos
affronta, lhe não arremessarmos
á cara com os miseros cobres
com que pretendem comprar a
nossa honra e a nossa dignidade.

Isto, accetando a verdade da
economia em que elles falam.
Mas, oh, cumulo da desvergonha
e da canalhice! a economia não
existe. As irmãs da caridade não
nos trouxeram economia nenhuma.
Tudo que para ahi tem dito
esse tenente da companhia dos
malandros é mentira soez, é men-
tira de villão, para encobrir as
infamias a que se abalançou.

Para não repisarmos o que
está bem dicto vamos transcre-
ver alguns periodos dos artigos
em que os collegas da localidade
se referem ás contas da Miseri-
cordia.

Diz o *Correio de Aveiro*:

«A despeza total do hospital na
gerencia de 1886 a 1887 foi de
2:147827 réis. Na de 1887 a 1888
foi 1:935240 réis, menos 2125387
réis que a do anno anterior. Se o
numero de dias de tratamento
dos doentes no hospital tivesse
sido igual n'um e n'outro anno,
é claro que estes 2125387 réis,
representavam realmente uma
economia d'uma administração
sobre a outra. Mas é que o não
foram, e o numero de dias de
tratamento de doentes foi muito
menor no ultimo anno, como
salta logo á vista ao examinar os
respectivos numeros constantes
da conta de um e outro anno,
e como vamos provar ainda mais
claramente e com muito maior
exactidão.

Basta-nos para isto examinar
a receita do tratamento de doen-
tes militares no hospital, n'um e
outro anno, os quaes como é fó-
ra de toda a duvida representam
ali o maior movimento.

A receita proveniente d'estes
doentes importou em 1887 em réis
1:277520, e em 1888 importou
em 1:028215 réis, menos 249305
réis, que o anno anterior. Ora
esta quantia, dividida por 240 réis,
que é a contribuição diaria que
pagam ao hospital os doentes mi-
litares, dá-nos o numero de dias

de tratamento de doentes milita-
res que houve a mais de 1886 a
1887 e a menos de 1887 a 1888.
Feita a divisão achamos que de
1886 a 1887 houve mais 1040, nu-
mero redondo, dias de tratamen-
to de doentes no hospital, e por-
tanto a despeza havia de neces-
sariamente ser maior.

Sendo certo, como a experien-
cia de mais o tem demonstrado,
que a contribuição de 240 réis
diarios, que pagam os doentes mi-
litares é insufficiente, ou mal
chega, para as despezas que exi-
gem em dieta e medicamentos, é
claro que a despeza d'esses 1040
dias de tratamento devem repre-
sentar uma despeza igual mui
proximamente á receita, se é que
não foi superior, o que por agora
não precisamos saber. Portanto
de 1886 a 1887 houve no hospital
1040 dias de tratamento de do-
entes militares, a mais do que de
1887 a 1888, e que exigiram uma
despeza de 249305 réis.

Mas, a differença entre a despe-
za total de 1887 e a de 1888 é
apenas de 2125387 réis, logo no
ultimo anno a despeza do hospi-
tal cresceu 365818 réis.»

N'outra parte diz ainda o *Cor-
reio de Aveiro*:

«Dizem elles que a despeza
dos serviços do hospital estava
orçada em 2323800 réis de remun-
eração a quatro empregados, e
mais 205000 réis destinados a la-
vagem da igreja e hospital, o que
tudo prefaz 2528800 réis. Que com
a introducção das irmãs da carida-
de essa remuneração ficou redu-
zida a 134400 réis distribuida por
seis servidores, havendo portan-
to uma diminuição na despeza de
1185400 réis, que os espectralhões
classificam logo de grande econo-
mia.

Mas o que elles não dizem ao
publico é que augmentando o
pessoal da casa em duas pessoas,
e sendo a casa que lhes tem de
dar de comer, se de um lado di-
minue despeza, augmenta por ou-
tro.

Ora, o menos que podemos
calcular de despeza diaria, com
o sustento de cada uma d'essas
pessoas a mais, é um tostão por
dia, e já lh'a reduzimos ao menos
possivel. Portanto, nos 365 dias
que tem o anno, essas duas crea-
turas custarão á casa pelo me-
nos 735000 réis, que abatidos dos
taes 1185400 réis, os deixam re-
duzidos a 455400 réis, apenas.

Mas, ainda aqui não ficam as
famosas economias, porque os
taes 205000 réis, de lavagem de
egreja e hospital, que arteiramen-
te introduziram no total das re-
munerações, não desaparecem
da despeza, como elles dizem. E
a razão é obvia. O novo pessoal in-
cumbe-se da lavagem das enfer-
marias, dizem elles, mas quem
lava o resto do hospital e a egreja?
E' claro que continuarão a ser
lavados como até agora, e lá se
nos vão tambem os taes 205000
réis, ou talvez mais, a calcular
pelo augmento que teve este
anno esta verba de despeza, não
obstante as irmãs de caridade es-
tarem ha mais de tres mezes na
casa.

Ainda pois os 455400 réis tem
de soffrer mais esta reducção, bai-
xando ás proporções minimas de
255400 réis.

Ora fazer de 255400 réis a
quantia de 1185400 réis, é habili-
dade que só os commissionados
tem. São uns alhos!

Por aqui se vê a verdade com
que está escripto o tal papeluxo,
e a consciencia com que os com-
missionados tratam os negocios
da Santa Casa. O publico pôde já
fazer o seu juizo do que são as
taes apregoadas economias, que a
final se cifram em... zero.»

E esta? Leram? Viram? Pas-
maram? Que fazer contra um de-
scaramento tão alvar, tão cynico,
tão insolente, e por isso mesmo
tão offensivo? O seu unico caval-
lo de batalha eram as economias.
Admittindo-as, nem por isso de-
ixava d'existir uma affronta enor-

me e um grandissimo escandalo.
Não existindo ellas, que dizer e
que fazer?

Que fazer, repetimos?
E' simples. Protestemos ain-
da mais uma vez ou mais duas
nos comícios. Vamos a vêr, pa-
cificamente, se os poderes publi-
cos nos ouvem. Se não ouvirem...
a dynamite e a tiro.

A dynamite é um grande re-
curso e de facil applicação.

VERGONHA DE CIGANOS

Campeão das Provincias n.º
1810 de 27 de novembro de 1862:

«Tem a imprensa liberal, fei-
to ahi grande bulha estes dias
com a chegada a Lisboa de umas
cinco senhoras, que saíram d'um
convento de Aveiro, e que tencio-
navam ir habilitar-se em França
para serem educadoras e mestras.

«As cinco senhoras não que-
rem ir para o instituto das irmãs
da caridade, mas sim aprender
em França a ser educadoras, vol-
tando depois para esse fim para
o convento, porque não tendo,
senão uma d'ellas, familia, nem
meios que lhes deem futuro,
aproveitam este, que lhes parece
garantir-l'ho.

«No convento d'onde saíram
existem algumas senhoras que
para adquirirem meios de susten-
tação crearam um instituto d'edu-
cação para o sexo feminino, e é
a esse que as cinco senhoras per-
tencem, e foi em virtude de
resolução d'essa corporação,
e a expensas d'ella, que ellas
saíram de Aveiro, sendo recom-
mendadas ao sr. padre Beirão,
por este sacerdote pertencer á
ordem a que pertence o convento,
que é franciscano.

«Das meninas de menor eda-
de tem a mais nova vinte e qua-
tro annos!

Vinham fugidas do convento.
E ellas vieram em virtude de
uma resolução da corpora-
ção a que pertencem, e á
custa da mesma.»

«*Nação* n.º 6540, de 21 do cor-
rente.»

Ahi fica explicado o facto e
por insuspeita auctoridade. As
meninas que fugiram do convento
de Sá, aproveitando para isso
o silencio da noite, não o fizeram
por vontade ou resolução propria.
Obedeceram ao preceito im-
posto pela corporação. Alli,
onde nem sequer ha o numero
canonico de senhoras professoras,
onde a prelada é dirigida por indi-
viduos estranhos á corporação,
as freiras são alheias a tudo que
se passa na sua casa, pois a eda-
de não lhes permite as occupa-
ções inherentes á posição, sendo
ellas apenas meros instrumen-
tos de quem, com mais vigor,
assumiu a si todos os poderes,
pondo e dispondo a seu bello pra-
zer, e impondo os seus alvitres,
qualquer que seja a resistencia
que se levante contra tão insof-
rida como injustificada tyrannia.

Corporação regular não existe
ha muito no convento de Sá. Es-
tão alli apenas tres religiosas de
idade avançada e de estado va-
letudinario. Ao abrigo d'aquellas
abobadas vivem algumas senho-
ras, cujas familias não teem far-
tós meios, para as subsidiar cá
fóra. As recolhidas fazem o ser-
viço do coro, mas não consta que
seja alli casa de educação, viven-
do cada uma sobre si, sem comu-
nidades d'interesses ou estu-
dos.

Faziam-se notar ha tempo as
missões repetidas no adro do
mosteiro, de um egresso francis-
cano, que visitava com frequen-
cia o locatorio e o confissionario.
Era um homem de apparencia
ainda vigorosa, mas encanecido
pela idade. Fallava com facilita-
de e destacava d'outros missiona-
rios, pela linguagem concei-
tuosa, fallando de Deus e dos ho-

mens sem ostentação e do sacer-
docio sem as prevenções com
que outros o haviam feito com
mais ignorancia, que recato.

Estes successos passaram qua-
si despercebidos para o geral da
povoação. Muitos concorreram ás
missões, mas ninguem previu o
alcance da insistencia do missiona-
rio. Repetiam-se as visitas, tro-
cavam-se os cumprimentos, e no
fim de alguns mezes rebenta na
cidade o boato, que algumas das
meninas que estavam no con-
vento de Sá, se preparavam para
abandonar aquelle asylo, a fim de
partirem para França e tomarem
ahi o habito de irmãs da carida-
de. A noticia deixou a todos sur-
prezos, mas em geral não se
acreditou que vingasse o plano,
visto que as senhoras tinham fami-
lia, não devendo supportar-se que
sem a sua auctorisação deixas-
sem aquella casa.

E' costume preceder a saída
das recolhidas, quer para trata-
mento, quer por distracção, d'ac-
cordo previo entre o governo da
casa e suas familias. Como podia
pois supportar-se o contrario quan-
do se tratava de uma empreza ar-
rojada, como era deixar a fami-
lia e a patria, cortando
pelos laços do sangue, e pe-
los santos preceitos, que a
religião impoz ao coração
humano? Pois o amor da ca-
ridade exerce o respeito de-
vido aos paes? Pois o sacer-
docio prega no pulpito a do-
ctrina do evangelho, e insi-
nuia depois no confissiona-
rio, que o decalogo é uma
fritação, e que os filhos não
devem honrar pae e mãe, so
para seguirem no mundo as
pisadas d'uma falsa virtude?

Mas a *Nação* allega que as cin-
co recolhidas que deixaram o
convento não iam professar em
França, mas aprender, para serem
educadoras, e voltarem depois let-
tradas e habilitadas para exerce-
rem o magisterio no edificio de
Sá. Acrescenta que as despezas
da viagem e estudo nos collegios
são feitos a expensas da corpo-
ração. Chamamos sobre estes pon-
tos a attenção do sr. vigario ge-
ral da diocese e do sr. ministro
da justiça. Chegou a negar-se que
a corporação tivesse interferido
na resolução das recolhidas. Dis-
se-se até, que, como ellas eram
maiores, saíram porque ninguem
se podia oppor ás suas vontades.
Então relevava-se tudo, e até se
chegava a omitir o dever
dos filhos, escarneccendo a
auctoridade paternal. Agora
diz-se publicamente que a fuga
fóra tramada no meio do claus-
tro, e que a comunidade, que
se diz de uma pobreza verdadei-
ramente franciscana, se achava
habilitada para occorrer a todas
as despezas, que as meninas fi-
zessem na viagem e nos collegios
francezes!

Mas a *Nação* faltou á verdade
em dois pontos essenciaes. Em
primeiro logar as recolhidas de
Sá não foram para França estu-
dar nos collegios, para seguirem
depois o professorado, mas alis-
tar-se nas fileiras de S. Vicente
de Paulo. Prova-o claramente a
carta d'uma d'ellas, escripta de
Lisboa a um irmão, que reside
em Aveiro. O segundo ponto é
dizer a *Nação* que a mais nova
das recolhidas já contava 24 an-
nos. E' uma inexactidão que va-
mos corrigir. A menina Henrique-
ta Loureiro ha de completar 20
annos a 6 de dezembro proximo,
pois nasceu em 6 de dezembro
de 1849. Vimos a certidão d'eda-
de devidamente reconhecida.

Já vê a folha lisbonense, que
a imprensa liberal tinha ra-
zão em clamar contra o tra-
ma urdido no convento de
Sá, d'Aveiro, e que é neces-
sario tomar providencias
energicas, para que as cor-
porações religiosas não con-
tinuem a conspirar contra
o socego das familias, cujas
filhas lhes forem confiadas.
Se a atalala da sociedade não
soltar o grito de rebate, na-
da haverá justo e honesto.

que escape ao trio dos alludadores de consciencia, que abusam do confessorio, armando os filhos contra os paes, e lançando os germens da discordia, onde se devia haver docura de costumes, e respeito aos santos preceitos de Jesus Christo.»

Malandros, malandros, cem mil vezes malandros. Então dizem da Nação o que ahi se vê; agora transcrevem do *Progresso Catholico* a defeza da patifaria do convento de Sá. Então, provavam da maneira que ahi fica que a fuga das cinco educandas constituia uma grande pouca vergonha. Agora, dizem que não houve nada mais regular e mais proprio. Então chegavam a publicar, com grandes elogios, em seguida ao artigo de fundo, a carta de Antonio Augusto Coelho de Magalhães. Agora... dizem que estava doido quando escreveu a carta.

Malandros, malandros, cem mil vezes malandros!

EXCAVANDO...

Campeão das Provincias n.º 1055 de 9 de agosto de 1862:

«O templo é um mercado e o pulpito uma fogueira.

Foram estas as palavras insolitas e altisonantes, que do alto da tribuna parlamentar soltou desafortadamente o *Mazzini* portuguez.

Debalde o negam os farriconcos encartados para subverterem, em honra do grão mestre e em defeza dos seus delirios, a verdade que só é uma, e indivisivel.

O paiz sabe-o, o povo que o não ouvin, leu-o.

E' contra essas palavras **indignas** d'um legislador que nos insurgimos, e comnosco se insurge o paiz inteiro.

E' falso, falsissimo, o que asseverou em pleno parlamento o **revolucionario decrepito**, cujo zelo serodio pelas couzas religiosas lhe faz esquecer as **gentilezas praticadas em outras epochas** nos proprios templos aonde recebera a agua baptismal.

E' falso, repetimol-o com a coragem com que o escriptor independente deve extremar a verdade da calumnia.

E' falso. Mentiu á face do parlamento quem ouzou asseverar, que em Portugal o clero correspondia tão indignamente á sua missão evangelica.

Não ha regra humana que não esteja subordinada a milhares de excepções.

Em Portugal pode haver, e ha de certo, quem faça das vestes sacerdotaes uma capa de hypocrisia, e um véu espesso que encubra a malversação, e a immoralidade. Ha em todos os rebanhos ovelhas tinhas, e desgarradas. Não o negamos; mas ninguem dirá com justiça e com verdade, que o clero portuguez está por tal forma desmoralizado que faça do pulpito uma fogueira, e do templo um mercado.

« **proprio sr. José Estevam não é elle mesmo uma excepção entre a sociedade em que vive?**»

Pois, quem mais do que elle, tem **lafrido todas as leis moraes e sociaes, revoltando-se contra todas as regras a que estão sujeitos os homens, qualquer que seja a sua condição social?**

Não tem o sr. José Estevam como lente sido uma excepção viva? Não é obrigação do lente o leccionar?

Como militar não lhe succede o mesmo?

Como homem publico não tem estado em todos os acampamentos dos exercitos politicos?

Não esteve a principio com os historicos?

Não esteve depois com a regeneração contra o cabralismo?

Não esteve depois com o cabralismo (colligação) contra os historicos?

Não esteve já com os realistas contra os cartistas?

Não está hoje com os historicos contra todos os outros?

Pois é licito ao homem publico correr todos os arraias, perfilar-se deante de todas as bandeiras, bater a arma a todos os generaes, e fazer continencia a todos os credos politicos?

Quando é que houve sinceridade nas convicções do sr. José Estevam?

E é com estes precedentes que o sr. José Estevam se arvorou em auctoridade para fulminar o clero portuguez com um anathema, de que elle não fez caso porque se ri do Catão improvisado, mas que nem por isso deixa de ser um **desafiero, uma insolencia e uma indignidade!**

Em Lisboa pode haver *maçons* que solemnizem com uma subscrição um discurso que elles nem comprehendem, levados pela impressão da parte melodramatica d'esse discurso; mas a gente cordata e seria indigna-se quando vê um talento impropicio extravazar-se d'um craneo delirante, e **corresponder com a heresia e com a blasfemia** á generosidade divina que o dadiu com mão tão larga.

Chamem-nos embora reaccionarios, porque levantamos de sobre a cabeça do clero o lafeu infamante, com que o sr. José Estevam o brindou; mas nós portuguezes e catholicos olhamos com desprezo para os especuladores politicos, e iremos nosso caminho, convictos de que não ha indícios mais seguros da desorganização social, do que a guerra systematica feita ao clero e á igreja, elementos de toda a ordem, freio indispensavel da sociedade, e baze segura da felicidade das nações.

Reaccionarios são os que, em proveito d'um corrilho insignificante, restringem todas as liberdades, fulminando com portarias os empregados jornalistas, perseguindo a imprensa, encarcerando os seus redactores, prohibindo a liberdade do ensino, e despachando para os cargos publicos os filhos queridos da maçonaria com exclusão de todos os que não ajudam a arruinar o paiz.

Esses é que são os verdadeiros reaccionarios que um povo nobre deve banir, e condemnar a um eterno ostracismo.

Todos o conhecem, podem acreditar-o.»

Malandros, malandros, cem vezes malandros.

Se nós tiveramos a importancia de José Estevam também elles d'aqui a dois dias escreviam:—alliam-se aos regeneradores, alliam-se aos progressistas, alliam-se aos constituintes! Nós não nos tinhamos aliado a ninguem. Simplesmente por amor aos principios, e só para os defender, tinhamos combatido umas vezes ao lado d'uns, outras vezes ao lado d'outros.

Era o que fazia José Estevam. José Estevam não tinha senão um partido: era o partido da liberdade e do bem do paiz. E n'esse sentido guerreava quem prejudicasse uma coisa e outra sem olhar a quem estava ao lado d'elle.

E' o seu maior elogio. Foi a sua maior virtude. E por isso, está claro, os malandros lhe lançaram as maiores injurias.

Malandros, malandros, cem vezes malandros.

E lá vinha sempre a santa religião!

NOTICIARIO

O POVO DE AVEIRO vende-se em Lisboa no kiosque do Rocio, lado sul.

Aos srs. assignantes

das localidades onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de mandarem satisfazer os seus debitos, o que desde já agradecemos.

Temos recebido com toda a regularidade a *Democracia Portuguesa*, de que é director politico o sr. José Elias Garcia. Este jornal principiou ha pouco a sahir diariamente.

Pela *Troupe Dramatica Aveirense* teve lugar no domingo, a pedido, a segunda representação do applaudido drama anti-jesuítico *O Veterano da Liberdade* e a engraçada comedia *Morrer para ter dinheiro*, em beneficio do nosso theatro.

O desempenho, como da primeira vez, foi excellente. Os amadores não desmereceram do credito em que já eram tidos.

Durante o decorrer do primeiro acto, a plateia conservou-se um pouco fria; mas depois, ao desfilar dos acontecimentos, os espectadores não se cansaram de manifestar o seu enthusiasmo, applaudindo phreneticamente as passagens mais salientes do drama. Nas scenas em que se evidencia a senha feroz do jesuitismo, a plateia, como já o fizera na primeira representação, pateou o padre Luiz, um discipulo devasso de Loyola, que chega a pôr em prática os meios mais vis e a praticar os crimes mais repugnantes para se apossar da filha do veterano.

No intervallo do drama para a comedia o nosso amigo Ferreira de Andrade, do Porto, disse muito bem o monologo em verso *A minha familia*.

D'um camarote foi também recitada por Camillo A. Vieira, membro da *troupe*, uma excellente poesia.

Foram ambos muito victoriosos.

A *troupe* conta optimas vocações para a scena, que muito aproveitarão dedicando-se ao estudo do palco, excellentes escola da mocidade.

O digno ensaiador, o sr. Duarte Silva, esforça-se quanto em si cabe para que os amadores realcem sempre na interpretação dos diferentes papeis que lhes são distribuidos. Honra, pois, ao mestre.

A direcção do theatro offereceu aos sympathicos amadores e ao seu digno ensaiador dois lindos *bouquets* com largas fitas de seda azul e branca.

A sala estava regularmente concorrida.

Falla-se vagamente em que a *troupe*, por conselho do seu ensaiador, projecta dar dois espectaculos por assignatura, no inverno, com peças de muito bom gosto.

Bemvindas sejam essas agradaveis noutes, n'uma epocha tao fastidiosa como propicia.—X.

Está aberto concurso, perante a camara municipal de Vagos, para o provimento das cadeiras de ensino elementar do sexo masculino das freguezias de Ouca e Covão do Lobo, com o ordenado de 100\$000 réis annuaes cada uma e as respectivas gratificações.

Prevenimos a redacção do *Jornal de Noticias*, de Lisboa, de que estamos a receber diariamente dois exemplares d'aquella folha.

Como haviamos annuciado, estreou-se no domingo, na praça de touros do largo do Rocio, a companhia gymnastica e acrobatica Resusta & Teresa.

A companhia não desmereceu da fama de que vinha precedida e no seu genero é das melhores que tem visitado Aveiro. Agradaram geralmente todos os trabalhos que exhibiu, o que valeu aos diversos artistas grande somma de applausos.

São bem merecidas todas as palavras de louvor que a imprensa lhe tem dispensado, porque a companhia conta verdadeiras notabilidades.

A concorrência de espectadores era enorme. Uma enchente á cunha.

A companhia dá hoje outro espectaculo, apresentando novos e variados trabalhos.

Esteve no domingo e segunda-feira em Aveiro o nosso bom amigo Francisco Ferreira de Andrade Junior, intelligente empregado na administração do *Comercio do Porto*.

São sempre agradaveis para nós as visitas de amigos sinceros, como é Ferreira de Andrade. Pena foi que elle se demorasse tão pouco tempo entre nós.

Do coração estimamos que regressasse ao Porto sem novidade. C. J.

Um jornal aconselha o seguinte remedio, que julga efficaz, contra as mordeduras de cães damnados:

Lava-se a ferida immediatamente, que o cão ou o hydrophobico fez, com vinagre quente, e enxugando-se, lança-se-lhe em cima da mesma ferida algumas gotas de acido muriato (hydrochlorico), o que faz dissolver o veneno da saliva hydrophobica, evitando assim seus pessimos e desastrosos effectos.

Esta receita foi descoberta por um saxonio, que, por experiencia de mais de cincoenta annos, foi a final revelada e publicada em varios periodicos estrangeiros.

Accusámos a recepção das seguintes publicações, que muito agradecemos:

Os Amores do Assassino, por M. Jogand, illustrado com bellas gravuras e chromos a finissimas côres. Fasciculos n.º 25 e 26.

As Doidas em Paris, por Xavier de Montepin, illustrado com primorosas gravuras e chromos a finissimas côres. Segunda edição. Cadernetas n.º 35 e 36.

Editores, Belem & C.ª, rua da Cruz de Pan, 25, Lisboa.

A Illustração Portuguesa, revista litteraria e artistica. N.º 50 e 51, do 4.º anno.—Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar, Lisboa.

Consta que em Castello de Paiva vae construir-se um hospital para pobres, por iniciativa dos srs. condes do mesmo nome.

E' louvavel.

Em Coimbra formou-se uma parceria para a construcção de um caminho de ferro a vapor, de via reduzida, que, partindo da villa de Mira, vá aos palheiros da Costa, e termine no sitio do Areão, limite do concelho de Mira, com um percurso total de 13 kilometros.

Vinho Nutritivo de Carne

Observações medicas feitas com a sua applicação:

Dr. Agostinho Antonio do Souto, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, etc.

Atesto que o Vinho Nutritivo de Carne preparado pelo conselheiro pharmaceutico o sr. Pedro Augusto Franco, e auctorizado legalmente, me tem parecido nas vezes que o empreguei em casos de convalescência de molestias graves, não só util como analgetico, porém sobre quantos conheço da sua qualidade, o mais agradável, perfectamente tolerado, e fortificante; portanto o prefiro e aconselho de preferencia a todos.

Porto, 23 de novembro de 1883.
Dr. Agostinho Antonio do Souto.
(Segue-se o reconhecimento.)

Trata-se de uma descoberta verdadeiramente util e curiosa, a de obter a illuminação electrica, mais barata e sem ser preciso recorrer ás companhias, como actualmente acontece.

Um engenheiro francez resi-

dente em Londres, mr. d'Homy, acaba de inventar um novo systema de produzir a electricidade sem força motriz e por meio de uma bateria automatica que não faz ruido, e cujo emprego nem sequer exige conhecimentos especiaes.

Uma bateria, pois, d'este novo systema, capaz de produzir de 10 a 50 lampadas da força de 10 velas cada uma, pôde instalar-se n'um armario, e não occupará mais de um metro e meio de alto por oitenta centimetros de largura.

Contra a debilidadade

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa, da Pharmacia Franco, Filhos, por se acharem legalmente auctorizados.

Vae em seguida o sumario do n.º 7 da excellentes *Revista Popular de Conhecimentos Uteis*:

A luz; A espada de D. Affonso Henriques; O Ramayana; O mar (II); O albinismo; Na exposição universal de Paris; As andorinhas; O microscopio e o telescopio (II); Suecia e Russia; Os macacos; Os tabacos da Havana; Incendios por combustão espontanea; Um meteoro de Andromeda; Para refrescar a agua no o vinho; Agua de rosas; O Etna; Conserva de tomates frescos; O vencedor dos soffrimentos; Saldubridade das escholhas; Contra os taberneiros; A protecção dos cabos submarinos; Concurso industrial; Um caso de loucura curado pelo hypnotismo; Desenho feito pelo fogo; O telantographo; Publicações.

Publicações litterarias

NINISCOS E OVOS

POR

Eduardo Sequeira

Com 23 gravuras e 16 planchas coloridas, representando 86 variedades de ovos.—1 vol. br., 15000 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importância em estampilhas ou vales do correio á livraria Cruz Coutinho, editora, rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto.

Edição monumental

Historia da Revolução Portuguesa de 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

TEM sido distribuidos com a maxima regularidade 26 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume. As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição. A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

Editores LOPES & C.ª, successores de CLAVEL & C.ª—119, rua do Almada, 123, Porto.

ANNUNCIOS

Pomada Curativa Vegetal

RENOUVEL

ESTA pomada é já conhecida por milhares de pessoas como o remedio mais efficaz para curar radicalmente escrophulas, ulceras antigas, varizes, canceros mesmo depois de ulcerados, syphilis, erysipelas, escoriações, doenças de pelle, frouxidão de nervos e todas as feridas ou inflamações. Prova-se com attestados o bom resultado. Unico representante em Portugal, José Maria Carneira, largo dos Trigueiros, 14, 2.º, Lisboa.

Preço 400 réis, pelo correio 425; remette-se a quem enviar a sua importância.

HOTEL CENTRAL
DE
MANUEL FRANCISCO LEITÃO
RUA DE JOSÉ ESTEVÃO — AVEIRO

ESTE Hotel, recentemente montado,
acha-se nas condições de satisfazer a todas
as exigências.

LOTERIAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA, com casa de cambio
na rua do Arsenal, 56 a 64, LISBOA, e filial no PORTO, Feira de S.
Bento, 33 a 35, faz sciente o publico da capital, provincias e
ilhas que tem sempre nos seus estabelecimentos grande sortimento
de bilhetes e suas divisões das loterias portugueza e hespanhola.

Satisfaz todos os pedidos, na volta do correio, em carta re-
gistrada, quer para jogo particular ou para negocio; os pedidos de-
vem ser acompanhados de suas importancias, e as remessas feitas
tambem em cartas registradas.

Envia em tempo listas; mas é conveniente fazer o pedido d'estas
na occasião da requisição do jogo, isto para os pedidos parti-
culares.

Os commerciantes que quizerem ampliar o seu commercio
e negociarem em loterias, podem fazel-o dando referencias, fazendo
os seus pedidos e recambiando o que não poderem vender até á
vespera de se effectuar o sorteio. E' negocio em que ha tudo
a ganhar e nada a perder!

As loterias portuguezas são tres cada mez; e os premios maio-
res de réis 8.000.000.

Bilhetes a 48800 réis; meios bilhetes a 25400; quartos a 12200;
oitavos a 600; e cautellas a 520, 440, 260, 220, 130, 110, 65, 55, 45
e 39 réis.

Os commerciantes da provincia, que quizerem nego-
ciar nas loterias de Madrid, têm de tirar uma licença
que nas provincias é de 18500 réis per um anno (365
dias). Decreto de 23 de setembro de 1886, publicado no
«Diario do Governo» de 28 de setembro de 1886 (n.º 20.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca promptifica-se
a dar todas as explicações e a bem servir o publico, quer para jogo
particular ou para revender.

Pedidos ao CAMBISTA

Antonio Ignacio da Fonseca
56, RUA DO ARSENAL, 64
LISBOA

REMEDIOS DE AYER

Pectoral de cereja de Ayer
—O remedio mais seguro que ha
para curar a Tosse, Bronchite,
Asthma e Tuberculos pulmona-
res.

**Extracto composto de sal-
saparrilha de Ayer**—Para pu-
rificar o sangue, limpar o corpo e
cura radical das escrophulas.

**O remedio de Ayer contra
as sezões**—Febres intermitentes
e biliosas.

Todos os remedios que ficam
indicados são altamente concen-
trados de maneira que sahem ba-
ratos porque um vidro dura mui-
to tempo.

Piululas catharticas de Ayer
—O melhor purgativo, suave, in-
teiramente vegetal.



VIGOR DO CABELO
DE AYER —
Impede que o ca-
bello se torne
branco e restaura
ao cabelo grisal-
ho a sua vitali-
dade e formosura.

Acido Phosphato de Horsford's

É um agradável e saudavel REFRESCO. Misturado apenas com
agua e assucar faz uma bebida deliciosa, e é um especifico contra
nervoso e dores de cabeça; sendo tomado depois de jantar auxilia muito
a digestão. É baratissimo porque basta meia colherinha do acido para
meio copo de agua.

Os agentes JAMES CASSELS & C.ª, rua de Mousinho da Silveira,
127, 1.ª, Porto, dão as formulas de todos estes remedios aos srs. Facultativos que
as requisitarem.

Perfetto Desinfectante e Purificante de JEYES.
para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura de no-
poas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.
Vende-se nas principaes pharmacias e drogarias. Preço, 240 réis.

**Vinho Nutritivo
de Carne**

*Privilegiado, auctorizado pelo go-
verno e approvado pela junta
consultiva de saude publica de
Portugal e pela Inspectoria Ge-
ral de Hygiene da corte do Rio
de Janeiro.*

É o melhor tonico nutritivo que se co-
nhece: é muito digestivo, fortificante
e reconstituinte. Sob a sua influencia de-
senvolve-se rapidamente o appetite, en-
riquece-se o sangue, fortalecem-se os
musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito
nos estomagos ainda os mais deheis,
para combater as digestões tardias e la-
boriosas, a dispepsia, cardialgia, gá-
stro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção
dos orgãos, rachitismo, consumpção de
carnes, affecções escrophulosas, e em ge-
ral na convalescência de todas as doen-
ças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto
de cada comida, ou em caldo quando o
doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas mui-
to deheis, uma colher das de sopa de
cada vez; e para os adultos, duas ou tres
colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaisquer bolachi-
nhas, é um excellente «lunch» para as
pessoas fracas ou convalescentes; pre-
para o estomago para aceitar bem a
alimentação do jantar, e concluido elle,
toma-se igual porção ao «toast», para
facilitar completamente a digestão.

Mais de cem medicos at-
testam a superioridade d'este
vinho para combater a
falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os en-
volucros das garrafas devem conter o re-
tracto do auctor e o nome em peque-
nos circulos amarellos, marca que está
depositada em conformidade da lei de 4
de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes phar-
macias de Portugal e do estrangeiro. De-
posito geral na pharmacia Franco-Fil-
hos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e
drogaria medicinal de João Bernardo Ri-
beiro Junior.

**AGENCIA ECONOMICA, MARITIMA
E COMMERCIAL**

PASSAGENS DE TODAS AS CLASSES
EM TODAS AS COMPANHIAS

PARA
**PARA', HARANHÃO,
CEARA' E MANAUS**

PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE
JANEIRO, SANTOS E RIO
GRANDE DO SUL

Preços sem competencia

**Passagens de 3.ª classe
a 258000 réis**

Para a provincia de S. Paulo dão-se
passagens gratis.

Para informações e contrato de pas-
sagens, trata-se unicamente em Aveiro,
rua dos Mercadores, 19 a 23, com o cor-
respondente

Manuel José Soares dos Reis.

ATTENÇÃO. — O annunciante encar-
rega-se da liquidação de heranças e
quaesquer outros negocios em todo o
imperio do Brazil, mediante modica
commissão.



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23,
em Aveiro, fazem-se guarda-soes de to-
das as qualidades, concertam-se e cob-
rem-se com sedas nacionaes e outras
fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços baratis-
simos.

MACHINAS DE COSTURA DA COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79
AVEIRO

As melhores e mais acreditadas machinas
do mundo a prestações de 500 réis por semana
e a dinheiro com grande desconto

A Companhia Fabril Singer, garante todas as machinas da
sua exclusiva fabricação, e tem um especial interesse em não re-
commendar nenhuma que não seja a mais propria para os trabalhos
que tenham de executar-se.

A Companhia Fabril Singer, tem alcançado em todas as Ex-
posições os primeiros premios.

A Companhia Fabril Singer, não sacrifica nunca a utilidade,
solidez ou duração á mera apparencia; as suas machinas são feitas
para cozer, cozendo tudo bem; não estão envernizadas nem domi-
nadas para occultar defeitos, como succede com as imitações e falsi-
ficações allemãs.

A Companhia Fabril Singer é sempre a primeira a introduzir
os ultimos e verdadeiros melhoramentos nas machinas para co-
zer: por estas e outras razões o publico comprehenderá, porque os
allemães se dedicam com preferencia a imitar as machinas SINGER.
O ouro falsifica-se sempre, o latão nunca.

Chamamos a attenção do publico para as novas machinas deno-
minadas LANÇADEIRA OSCILANTE, com as quaes se podem fazer
primorosos trabalhos e que até hoje ainda não tiveram rival.

E' a rainha das machinas!

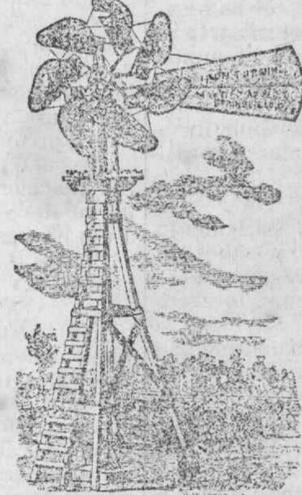
75, Rua de José Estevão, 79
AVEIRO

DEPOSITO AMERICANO

*Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos,
Agricolas e Industriaes.*

Agencia e Casa Introdutora de Artigos especiaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.
RIZ-DO-CHÃO.

<p>BOMBAS HYDRAULICAS De POÇO, CYSTERNA &c.</p> <p>—</p> <p>ARAME "CERCA-ESPINHO" Para vedar gado, &c.</p> <p>—</p> <p>GRANDE DEPOSITO DE TUBOS DE FERRO zincados e pretos para CANALIZAÇÕES.</p> <p>—</p> <p>Tubos de Borracha (CAUTCHOC).</p>		<p>FOGÕES CULINARIOS, — ESTUFAS DE SALA.</p> <p>—</p> <p>LOUÇAS DE FERRO "AGATE" Para serviços da cozinha e mesa, &c.</p> <p>—</p> <p>ARADOS. — Debulhadoras de Milho.</p> <p>—</p> <p>PRENÇAS Para Fructas e Lrogas.</p> <p>—</p> <p>E OUTROS ESPECIALIDADES, &c.</p>
---	---	---

MOTORES A VENTO
(ou Moinhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema
o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVEROS POR ENCOMMENDA.

Accita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Ing'laterra.

**ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.**

(Telefone N.º 250.)

Contra a tosse Genebra Moreira

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico
legalmente auctorizado pelo Con-
selho de Saude Publica de Portugal, e pela
Inspectoria Geral de Hygiene, da corte
do Rio de Janeiro, ensaiado e approvado
nos hospitaes. Acha-se á venda em to-
das as pharmacias de Portugal e do es-
trangeiro. Deposito geral na pharmacia
Franco-Filhos, em Belem. Os frascos
devem conter o retracto e firma do au-
ctor, e o nome em pequenos circulos
amarellos, marca que está depositada
em conformidade da lei de 4 de junho
de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e
drogaria medicinal de João Bernardo Ri-
beiro Junior.

CHAMA-SE a attenção dos srs. consu-
midores para estas qualidades de
genebra.

E' a mais barata, mais aromatica e
estomacal até hoje conhecida.

Continúa a ter acolhimento geral em
todo o paiz; tendo sido premiada nas
duas ultimas exposições portuguezas
de 1884 e 1887.

Exija-se a botija e etiqueta
com a marca (registada) de MO-
REIRA & C.ª e a rolha com a fir-
ma [(ac-simile)] dos fabricantes.